

OS SONHOS E SEUS SÍMBOLOS THE DREAMS AND THEIR SYMBOLS

Raquel Helorrone dos Santos Costa¹
José Benedito de Almeida Júnior²

RESUMO

Todo ato de aprecepção de conhecimento que começa com a percepção sensorial nunca é completo devido às próprias limitações de nossos sentidos. Nesse contato com a experiência, depois da fase sensorial, existe um contato psíquico, uma experiência psíquica, que é desconhecida. Desconhecida porque o conhecimento não pode conhecer a si mesmo e porque a psique não sabe nada de sua própria substância. Como existem muitas coisas que estão além da compreensão humana, muitas vezes usamos conceitos e figuras simbólicas, e não só os usamos, mas também os produzimos em nossos sonhos. Então, toda ação consciente ou todo acontecimento vivido tem um duplo aspecto, um consciente e um inconsciente, e essa parte inconsciente só alcança o consciente por vias indiretas, ou seja, só se entende um pouco sobre um acontecimento e seu significado psíquico através de intuição ou de uma reflexão mais profunda. Mas também, o acontecimento psíquico pode manifestar seu aspecto inconsciente num sonho. Porém, o sonho mostra o aspecto subliminar na forma de imagem simbólica e não como pensamento racional. Então, vemos que a linguagem do sonho é simbólica.

PALAVRAS-CHAVE: Sonhos. Símbolos. Vida simbólica. Psique.

ABSTRACT

Every apperception act of knowledge which begins with sense perception is never complete due the limitations of our senses. In this contact with experience, after the sense fase, exist a psychic contact, a psychic experience that is unknown. Unknown because the knowledge cannot know itself because the psychic does not know anything about her own substance. As exist a lot of things who are beyond the human understanding, in many times we use concepts as symbolical figures, and we just not used them, but also we produce them in the dreams. Then, every conscious action or every lived event has an double aspect, a conscious and an unconscious, and this unconscious part just achieve the conscious by indirect ways, in other words, we just understand a little bit of the event and his psychic meaning through intuition or through deep reflection. But also, the psychic event can express his unconscious aspect in dreams. However, the dream shows the subliminal aspect in a symbolical image way and not through a rational thought. Then, we see that the dream language is symbolical.

KEYWORDS: Dreams. Symbols. Symbolic life. Dreams meaning.

1 Graduanda em Filosofia pela Universidade Federal de Uberlândia. Bolsista da FAPEMIG

2 Professor do Instituto e do Programa de Pós-Graduação em Filosofia da Universidade Federal de Uberlândia. Pós-doutor pela Faculdade Jesuíta de Belo Horizonte/CAPES.

INTRODUÇÃO

Desde que o homem é homem, os sonhos são matéria de grande deslumbramento e mistério. Ao longo da história já lhe foram atribuídas inúmeras significações: místicas, religiosas, premonitórias, ligadas aos movimentos da natureza, aos povos ou à vida pessoal do sonhador.

Em diversas civilizações antigas os sonhos eram considerados um contato direto com o divino. Os sonhos continham mensagens que eram entendidas como avisos premonitórios de entidades sagradas e podiam significar desde um bom sinal para as plantações vindouras até uma punição através da chegada de um povo inimigo ou doenças. Geralmente um ancião ou um xamã era encarregado de decifrar tais mensagens; vestígios arqueológicos no formato de inscrições, pinturas e esculturas retratando o momento da interpretação dos sonhos foram encontrados em diversas partes do planeta, como civilizações asiáticas como o povo Kmer, os Maias nas Américas e os egípcios na África.

Na Idade Média, com a evolução da tradição cristã nos povos ocidentais, os sonhos passaram a se associar à ideia de pecado e de incorporações demoníacas. No início da Idade Moderna, surgem os primeiros dicionários de sonhos que funcionam como um manual em que um conteúdo sonhado teria um significado fixo independente do sonhador.

Carl Gustav Jung, em cuja primeira fase da obra pode ser considerado discípulo de Freud, também fez dos sonhos um valioso objeto de investigação. Para Jung os símbolos produzidos pelos sonhos poderiam ter, ao mesmo tempo, um significado individual e coletivo; este último representa a dimensão *arquetípica*. Jung encontrou na repetição de símbolos em povos com grandes diferenças culturais e que não coexistiram no mesmo período histórico as bases para a ideia de que haveria uma camada psíquica impessoal (inconsciente coletivo), na qual existiriam símbolos que portariam condições históricas gerais. Desta forma, o conteúdo dos sonhos na psicologia analítica pode representar tanto aspectos da vida pessoal, como também pode trazer significados que extrapolam a vida individual do sonhador através de símbolos coletivos.

DEFINIÇÃO DE SÍMBOLO EM JUNG

Imagens e termos simbólicos representam conceitos que não podem ser definidos com clareza ou compreendidos plenamente. Para Jung, enquanto um signo representa alguma outra

coisa; um símbolo é alguma coisa em si mesma, uma coisa dinâmica e viva. O símbolo representa a situação psíquica do indivíduo e ele é essa situação num dado momento.

Aquilo que denominamos de símbolo pode ser um termo, um nome ou até uma imagem familiar na vida diária, embora possua conotações específicas além de seu significado convencional e óbvio. Implica algo vago e desconhecido. Assim, uma palavra ou uma imagem é simbólica quando implica alguma coisa além de seu significado manifesto e imediato. Esta palavra ou esta imagem tem um aspecto "inconsciente" mais amplo que não é nunca precisamente definido ou plenamente explicado.

Eis alguns exemplos: um lírio é muitas vezes um símbolo de pureza; uma rosa simbolizará a beleza, a mulher, etc.; a cruz é o símbolo do sofrimento e da ressurreição. Um símbolo encerra – ou representa – uma ideia ou um conceito muito mais complexo. Determinados símbolos estão fortemente carregados de emoções. Por essa razão é muito mais fácil usar um símbolo em vez de expressar, verbalmente ou por escrito, o seu significado.

Por existirem inúmeras coisas fora do alcance da compreensão humana é que utilizamos frequentemente termos simbólicos como representação de conceitos que não podem ser definidos ou compreendidos na totalidade. Mas o homem também produz símbolos, inconsciente e espontaneamente, em forma de sonhos.

Estas mensagens do inconsciente têm uma importância bem maior do que se pensa. Na vida consciente, há exposição a todos os tipos de influência. As pessoas se estimulam ou deprimem, ocorrências da vida profissional ou social desviam a atenção. Todas estas influências podem guiar para caminhos opostos à individualidade; e que percebido ou não o seu efeito, a consciência é perturbada e exposta, quase sem defesas, a estes incidentes.

É importante salientar que, segundo Jung, o símbolo é a melhor expressão possível de algo relativamente desconhecido, pois ele representa por imagens, experiências e vivências que incluem aspectos conscientes e inconscientes, isto é, desconhecidas da consciência. Como tal, o símbolo participa e existe sob a forma vivencial e experiencial, sendo impossível de ter seu significado esgotado ou determinado, possibilitando estabelecer múltiplas relações e analogias.

O símbolo pode realizar a mediação entre as diversas antinomias e oposições do sujeito, materializadas em uma oposição e relação entre o consciente e o inconsciente. Esta oposição provoca uma atividade inconsciente que se manifesta de forma simbólica com uma função de compensação desta oposição. Assim, o símbolo tem uma função de equilíbrio da psique como um todo.

RELAÇÃO ENTRE OS SONHOS E OS SIMBOLOS

Para Jung, os sonhos desempenham, na psique, um importante papel complementar (ou compensatório). Ajudam a equilibrar as influências dispersadoras e imensamente variadas a que estamos expostos em nossa vida consciente; tais influências tendem a moldar nosso pensamento de diversas maneiras que são com frequência inadequadas à nossa personalidade e individualidade.

A função geral dos sonhos é tentar estabelecer a nossa balança psicológica pela produção de um material onírico que reconstitui, de maneira útil, o equilíbrio psíquico total. (JUNG, 1992, p.49)

É aquilo a que chama função complementar (ou compensatória) dos sonhos na nossa constituição psíquica. Explica por que motivo pessoas com ideias pouco realistas, ou que têm um alto conceito de si mesmas, ou ainda que construam planos grandiosos em desacordo com a sua verdadeira capacidade, podem sonhar que estão voando ou caindo (JUNG, 1992, p. 49). Na obra *Vida Simbólica* descreverá o caso de um homem que está numa locomotiva, cujo condutor acelera demais e o faz ter a sensação de que ela descarrilhará na curva. (2011, p. 97). O sonho compensa as deficiências das suas personalidades e, ao mesmo tempo, previne-as dos perigos dos seus rumos atuais.

É necessário haver alguma coisa eficaz para que mudemos de atitude ou de comportamento. E é isto que a linguagem do sonho faz: o seu simbolismo tem tanta energia psíquica que somos obrigados a prestar-lhe atenção. Jung abordou os sonhos como realidades vivas que precisam ser experimentadas e observadas com cuidado para serem compreendidas. Ele tentou descobrir o significado dos símbolos oníricos prestando atenção à forma e ao conteúdo do sonho e, com relação à análise dos sonhos, Jung distanciou-se gradualmente da maneira psicanalítica na livre associação.

A livre associação vai trazer à tona todos os meus complexos, mas dificilmente o significado de um sonho. Para entender o significado do sonho, precisamos nos agarrar tanto quanto possível às suas imagens. (JUNG, 1992, p.149).

Na análise, Jung traria continuamente seus pacientes de volta às imagens do sonho, e perguntar-lhes-ia: "*O que dizia o sonho?*". Podemos dizer que na livre associação os complexos atingidos estão num nível próximo da consciência, ao passo que na interpretação dos símbolos dos sonhos – dos mitos, das visões místicas e experiências semelhantes – trata-

se de entender o significado da imagem em relação ao paciente e seus possíveis significados arquetípicos, portanto, entramos em camadas muito mais profundas da psique.

Então, os sonhos vêm para compensar esses distúrbios de equilíbrio psíquico. Sonhos com lugares altos, que causam vertigens, com balões, aviões, voar e cair estão muitas vezes ligados a estados de consciência, caracterizados por suposições fictícias, superestima própria, opiniões fora da realidade e planos fantásticos. Se não for ouvida a advertência do sonho, então surgem em seu lugar verdadeiros acidentes. A pessoa tropeça, cai da escada, vai de encontro a um automóvel e etc. Jung se lembra do caso de um homem que estava perdidamente sufocado num certo número de operações suspeitas. Como compensação desenvolveu uma paixão quase mórbida por escaladas perigosas de montanhas: procurava superar a si mesmo. Num de seus sonhos viu-se subindo do cume de uma montanha para dentro do ar. Quando contou seu sonho, Jung percebeu que o risco que estava se expondo e fez o melhor para enfatizar a advertência e convencer o homem da necessidade de se conter. Avisou inclusive que o sonho significava sua morte por um desastre nas montanhas. Seis meses depois ele subiu pelos ares. Um guia montanhista observou como ele e seu amigo desceram por uma corda num lugar difícil. O amigo havia tomado pé passageiramente numa saliência da montanha. O paciente estava acima dele e o seguia. Segundo narrou o guia, ele soltou de repente a corda, como se pulasse para o ar. Ele caiu sobre o amigo, despencando ambos e com morte instantânea.

Então, vemos que a linguagem do sonho é simbólica. Alguns sonhos são considerados simples, os quais podem ser interpretados sem grande esforço pelo próprio sonhador. Esse método é suficiente em todos os casos comuns, mas quando se trata de sonhos obsessivos, ou seja, de sonhos que se repetem e possuem grande carga emocional, não bastam apenas associações pessoais do sonhador para se chegar a uma interpretação satisfatória.

Todo ato de apercepção, ou seja, de conhecimento, que começa com a percepção sensorial, nunca é completo devido às próprias limitações de nossos sentidos. A psique toma contato com a experiência, que permanece em grande parte desconhecida. Desconhecida porque o conhecimento não pode ser conhecer a si mesmo e porque a psique não sabe nada de sua própria substância. Por isso, em toda experiência existe um número indefinido de fatores desconhecidos, sem falar do fato de que o objeto de conhecimento é, de certa forma, sempre desconhecido, desde que não podemos conhecer a essência da matéria em si.

Então, toda ação consciente ou todo acontecimento vivido tem um duplo aspecto, um consciente e um inconsciente, e essa parte inconsciente só alcança o consciente por vias indiretas, por meio de uma intuição ou reflexão, que implica um afastamento da experiência

mesma. Um acontecimento psíquico também pode manifestar seu aspecto inconsciente num sonho, cujo aspecto subliminar se dá em forma de imagem simbólica e não como pensamento racional.

Freud, Janet e Brauer haviam reconhecido a evidência de tais associações, a existência de uma relação entre fatores neuróticos com alguma experiência consciente. E que esses dois, se analisados cuidadosamente, constroem uma ponte entre si, possibilitando uma interpretação que poderia auxiliar os pacientes em entender a sua os dramas de sua vida psíquica. Dessa forma, pode-se dizer que as neuroses são acontecimentos psíquicos que se manifestam plenamente. Como visto, estes acontecimentos psíquicos estão no aspecto inconsciente, portanto, uma pessoa neurótica não entende porque possui tal neurose, pois a causa desta é inconsciente, mas possui uma ligação com alguma experiência consciente. E essa é a diferença entre psiquiatras e os psicanalistas ou os psicólogos, o psiquiatra, como médico, irá receitar medicamentos para amenizar as manifestações da neurose, ao passo que o psicólogo ou o psicanalista investigarão a fonte da neurose para tratá-la.

Portanto, as neuroses simbolizam as consequências psíquicas e inconscientes de um acontecimento consciente. Por exemplo, um paciente que tem espasmos quando vai engolir alimentos. Outro paciente tem asma, não consegue respirar o ar em casa. Outro sofre de paralisia nas pernas, não consegue mais andar. Outro vomita tudo que come, não consegue digerir. Esses efeitos somáticos de traumas psíquicos são amplamente conhecidos na literatura psicológica, destacando-se casos narrados por Freud como “O homem dos ratos”, “O caso de Ana O.” e muitos outros.

Dentro da linha da psicanálise e da psicologia analítica, o terapeuta precisa deve estar atento, pois o paciente sempre irá desviar do significado real do sonho, portanto numa análise de sonho é preciso voltar a atenção mais para o sonho em si, para sua forma e mensagem específicas. Por exemplo, um homem tem um sonho com uma mulher bêbada e vulgar que diz ser sua esposa. Num primeiro contato é um sonho chocante, longe da realidade. O paciente não irá aceitá-lo e vai rejeitar como um absurdo onírico, se afastando daquela ideia chocante. Mas o que o inconsciente quis dizer através de uma mensagem totalmente irreal?

Na verdade temos nesse caso a representação de uma pessoa decaída do sexo feminino que é parenta próxima do sonhador. Nisto, lembramos que desde a Idade Média já se sabia que todo homem traz dentro de si uma mulher, e a esta personalidade oculta Jung chamou de Anima, que consiste principalmente numa personalidade interior que todo homem possui, que ajuda a se relacionar com o exterior, principalmente com as mulheres, e que os homens escondem dos outros e de si mesmos. Portanto, a personalidade de um homem pode estar

perfeitamente normal para fora, enquanto que o lado da alma se encontra lastimável. Esse era o caso do sonhador: seu lado feminino não era agradável, a mensagem aplicada por sua alma acertou o alvo dizendo: você se comporta como uma mulher degenerada. Neste caso, esta foi a interpretação, mas não devemos tomá-la como interpretação certa para todos os casos de homens que sonham com uma mulher bêbada. Aqui foi apenas um contrapeso à unilateralidade da consciência do sonhador que imaginava ser um cavalheiro perfeito.

Mais importante do que a compreensão cognitiva dos sonhos é o ato de experienciar o material onírico e levá-lo a sério. Para o analista junguiano, deve-se tratar nossos sonhos não como eventos isolados, mas como comunicações dos contínuos processos inconscientes.

Pelo fato do sonho lidar com símbolos que têm mais de um significado, não pode haver um sistema simples ou mecânico para sua interpretação. Qualquer tentativa de análise de um sonho precisa levar em conta as atitudes, a experiência e a formação do sonhador. É uma aventura comum vivida entre o analista e o analisando. O caráter das interpretações do analista é apenas experimental, até que elas sejam aceitas e sentidas como válidas pelo analisando.

É um fato que um verdadeiro sonho emprega, quase sempre, meios retirados do simbolismo. Uma vez que o sonho é uma expressão da vida psíquica mais profunda, é fácil de compreender que deve utilizar um meio igualmente profundo. Para Jung, o inconsciente constitui a nossa vida mais íntima: contém todo o atavismo, as hereditariedades, as recordações, os recalcamientos e os complexos. O inconsciente oculta-se nas profundidades mais recônditas do nosso ser. Os símbolos conduzem o espírito para fora do tempo, em direção a horizontes infinitos de cuja existência a nossa razão nem sequer suspeita.

Um exemplo: pensemos na palavra PÃO.

Que diz a razão? Que o pão é o resultado do trabalho que o padeiro efetua com a farinha. Nada mais. Mas... o que diz a emoção profunda? Que o pão representa bem mais coisas... Desde sempre que a palavra pão surge ornada de poesia e de simbolismo. O pão é simultaneamente banal e sagrado; evoca outros símbolos importantes, como a terra, o sulco da charrua, o trigo, a chuva, a fertilização dos campos, etc.

Intervém na oração: “o pão nosso de cada dia nos dai hoje”. Fala-se do “pão dos anjos”. Para os cristãos, o corpo de Cristo torna-se numa hóstia de pão; etc. Foi assim que o pão se transformou nesse belo símbolo de riqueza humana, de simplicidade e de fraternidade... Haverá, porventura, ação mais comovente (em profundidade) do que compartilhar o pão? E, no entanto, racionalmente, compartilhar do mesmo pão é a mesma coisa que dividir por dois uma barra de chocolate.

Se pensarmos em compartilhar um pedaço de chocolate com alguém, tal ato deixamos completamente indiferentes, ao passo que a ideia de compartilhar o pão já representa uma emoção de outra ordem. É por esta razão que o pão surge tão frequentemente nos sonhos, simbolizando toda uma riqueza positiva e benéfica, com múltiplos significados.

Ainda outro exemplo: ver com emoção um navio partir, é porque, sem o saber, se sofre a ação do seu simbolismo. Racionalmente, é apenas um barco que se afasta, mas, simbolicamente, é a aventura, a separação, a mudança de vida, a procura da felicidade, a viagem rumo a novos horizontes ou a busca de um paraíso perdido.

Se certos sonhos ecoam tão profundamente, é natural que o meio empregue esteja em proporção. Existe nos símbolos uma riqueza emotiva inacreditável. Os grandes símbolos conservam-se intactos através dos milénios e das civilizações. Reviver, em sonhos, um dos grandes símbolos do mundo equivale a mergulhar na nossa mais universal humanidade.

SIMBOLOS E MITO

Aqui, precisamos fazer uma breve observação sobre o conceito de arquétipo em Jung. Para tanto, utilizaremos a luminosa explicação de Nise da Silveira:

Muita confusão tem sido feita em torno do conceito de arquétipo. Há ainda quem continue repetindo que Jung admite a existência de ideias inatas e de imagens inatas. É falso. Incansavelmente ele repete que arquétipos são possibilidades herdadas para representar imagens similares, são formas instintivas de imaginar. São matrizes arcaicas onde configurações análogas tomam forma. Jung compara o arquétipo ao sistema axial dos cristais que determina a estrutura cristalina na solução saturada sem possuir, contudo, existência própria. (SILVEIRA, 1981, p. 77)

Os arquétipos também, tal como as situações, sentimentos e representações dos indivíduos, não estão separados rigidamente, existindo sempre a possibilidade de relação entre os símbolos, pois eles se interpenetram. Circulando ao longo dos temas, expressando, equilibrando e unificando os contrários, eles são sempre pluridimensionais, bipolares e ligados com a experiência totalizante possibilitada pela função transcendente e seu dinamismo integrador (CHEVALIER & GHEERBRANDT, 1989, p. XXV). Esse aspecto fica mais saliente porque os arquétipos não possuem conteúdo pré-determinado, atuando como padrões estruturais na mente humana que devem ser preenchidos com conteúdos da experiência individual do sujeito, a qual é social, cultural e historicamente localizada. Assim:

(...) eles [os arquétipos] só são determinados em sua forma e assim mesmo em grau limitado. Uma imagem primordial [arquétipo] só tem conteúdo determinado a partir do momento em que se torna consciente e é, portanto, preenchida pelo material da experiência consciente (JUNG, 1961/1987, p. 352).

Esse conceito foi elaborado por Jung a partir da observação de muitos temas repetidos em mitologias, contos de fada, literatura universal e nos sonhos e fantasias de seus pacientes. Ele observou que as imagens que apareciam se relacionavam principalmente com situações comuns da existência humana tais como o nascimento, a iniciação social, o relacionamento sexual e afetivo, perdas, entre outros; existindo assim tantos arquétipos quantas são as situações típicas da existência humana e formando substrato psíquico comum a toda humanidade.

Ele é um conceito limite, pois não é acessível diretamente, mas apenas por suas manifestações em padrões de comportamento, em imagens, representações e produções humanas que são semelhantes e, desse modo, o conjunto dos arquétipos forma um substrato comum à humanidade denominado inconsciente coletivo ou psique objetiva. Essa última denominação mostra que a sua existência é independente do ego e da subjetividade de cada indivíduo, manifestando-se essencialmente por imagens, emoções e afetos, de maneira não racional e pré-lógica, por meio de relações de similaridade e de contiguidade, com lógica analógica e não de causa e efeito. Assim, há na psique um padrão atuante e que corresponde a uma totalidade que abrange tanto o inconsciente quanto o consciente. Ele envolve tanto a transformação da atitude do ego (regressão) como a realização de tarefas no mundo externo (progressão). Este processo implica em uma transformação dos símbolos envolvidos, onde inicialmente tinham significados individuais ou específicos e passam a adquirir uma conotação mais ampla, relacionando o indivíduo a uma totalidade cada vez maior: família, etnia e cosmos.

Este dinamismo ocorre pela repetição e redundância da vivência do símbolo e da sua expressão. Uma vez que seu significado é inesgotável e irrepresentável de forma lógica, o esclarecimento e a construção do sentido ou significado do símbolo ocorrem pela circulação ao redor de um centro, com redundância e repetições cada vez mais aproximadas e carregadas de significado, sendo comparável a um movimento em espiral. Deste modo, “*o conjunto de todos os símbolos sobre um tema esclarece um símbolo, uns através dos outros*” (DURAND, 1998, p. 17).

Esta “redundância aperfeiçoadora” socialmente é visível principalmente nos rituais e nos mitos, pois os rituais são a atuação concreta ou expressão comportamental da dinâmica

dos símbolos e arquétipos por meio da repetição de comportamentos e gestos e os mitos são a expressão discursiva na forma oral ou escrita da redundância das relações linguísticas e lógicas entre ideias e imagens significativas ou simbólicas (Durand, 1998).

Deste modo, o símbolo e o seu dinamismo possuem várias funções. Inicialmente exploratória, investigando e exprimindo “*o sentido da aventura espiritual dos homens, lançados através do espaço-tempo*” (CHEVALIER & GHEERBRANDT, 1989, p. XXVIII), representando e exprimindo o mundo percebido e vivido pelo sujeito em sua totalidade psíquica consciente e inconsciente e também substituindo conteúdos e vivências afetivas impossibilitadas de serem vividas, quer pela realidade ou pela atitude consciente. Esta expressão, representação e substituição possibilitam a mediação entre os opostos e elementos separados na experiência do indivíduo, unificando e condensando em uma imagem dotada de sentido e significado a totalidade da experiência humana em todos os seus níveis, isto é, nos campos sociais, cósmicos, religiosos e psíquicos, incluindo a consciência e o inconsciente. Deste modo, ele pode exercer uma função pedagógica e terapêutica, gerando um sentimento e sensação de participação em uma totalidade ou transcendência respondendo às múltiplas necessidades humanas. Esta participação no mundo material e humano acarreta a função socializante do símbolo, pois coloca o indivíduo em comunicação com a totalidade social. Imerso no meio social, ligado à cultura e à experiência individual, o símbolo está vivo e atuante. Nesta atuação e por meio da imaginação, ele é uma forma de relação entre os conteúdos internos, as vivências psíquicas e as percepções do mundo exterior e onde estes se combinam, refletem um ao outro, gerando uma “ressonância” entre si e possibilitando o aprofundamento do indivíduo na experiência pessoal e na vivência em sua totalidade.

Esse processo ocorre no mundo interno do indivíduo, por meio de suas fantasias e imaginação e, muitas vezes, não pode ser percebido objetivamente. Desse modo, ele corre o risco de ser ignorado ou desvalorizado, pois há uma confusão entre a dimensão mítica e a dimensão utilitária do simbolismo, com a dimensão mítica sendo reduzida à utilitária (DURAND, 1984). Esse processo de desvalorização epistemológica do imaginário, dos produtos simbólicos e do próprio símbolo vem ocorrendo desde Aristóteles e permeia a racionalidade ocidental desde Descartes. Isto está ligado à identificação do conceito de indivíduo com a razão, “*o espírito é pensado segundo as modalidades da experiência objetiva: a res cogitans é considerada segundo o método da res extensa (...) e nisto reside a alienação fundamental.*” (DURAND, 1984, p. 14).

Nesse contexto, o símbolo é reduzido a um signo ou sinal, quando é qualitativamente diferente dos mesmos. O signo é constituído pela fórmula: significado/significante. O

símbolo, diferentemente do significante único do signo, possui o significante ao mesmo tempo: a) cósmico: retira sua imagem do mundo ao redor; b) onírico: faz referência a nossas imagens e sentimentos pessoais que se manifestam nos sonhos; c) poético: manifesta-se na linguagem. O seu significado é indizível e não representável, mas aberto. Ele pode ser designado (ter como significante) por qualquer objeto. O símbolo possui uma redundância, isto é, seu significado se manifesta por meio de todos os objetos. Esta repetição (redundância) se realiza ao redor de um centro e possui um caráter de aperfeiçoamento e aproximação, mas nunca alcança o significado, pois este é irrepresentável. Assim o conjunto de todos os símbolos sobre um tema determinado esclarece os próprios símbolos. A redundância simbólica acaba por se manifestar nos rituais e a redundância linguística é significativa dos mitos. A redundância linguística é a repetição de frases, palavras ou uma estrutura que contenha um sentido. O símbolo pode ser definido como: “(...) *signo que remete a um indizível e invisível significado, sendo assim obrigado a encarnar concretamente esta adequação que lhe escapa, pelo jogo das redundâncias míticas, rituais, iconográficas que corrigem e completam inesgotavelmente a inadequação*” (DURAND, 1998, p. 19).

Desse modo, uma importante manifestação dos símbolos é o mito, pois ele é uma narrativa formada pelo encadeamento das imagens e dos símbolos, abrangendo as narrativas que legitimam as religiões ou cultos, a lenda, o conto popular e a narrativa romanesca. O sentido simbólico dos termos e o encadeamento da narrativa são importantes para o mito. O nível simbólico ou arquetípico é formado sobre a equivalência da forma dentro das estruturas das imagens. O mito “*nunca é uma notação que se traduza ou decodifique, mas sim presença semântica e, formado de símbolos, contém compreensivamente seu próprio sentido*” (DURAND, 1997, p. 357), reduzir o mito ao semiológico (terreno do signo) é empobrecê-lo, pois o mito está no terreno semântico (do símbolo).

O mito é um início de racionalização da experiência simbólica na forma de narrativa, exprimindo um esquema ou um conjunto deles, na qual os símbolos traduzem-se em palavras e os arquétipos em ideias, conceitos, esquemas de pensamento e visões racionais do mundo. Este fato, o mito está relacionado com a origem da racionalidade, e sendo o pensamento lógico um atributo do ego, costuma-se identificar a consciência mítica com o uma fase do processo de constituição da consciência.

CONCLUSAO

É verdade que nos tempos mais recentes o homem civilizado adquiriu certo grau de força de vontade que ele pode usar ao seu bel-prazer. Aprendemos a executar corretamente nosso trabalho, sem recorrer a cantos e tambores que nos colocam hipnoticamente num estado de agir. Podemos, inclusive, virar-nos sem a oração diária pedindo ajuda a Deus. Podemos realizar o que nos propomos, e parece óbvio ser possível transformar sem dificuldade uma ideia em ação, ao passo que o primitivo é perturbado passo a passo por precauções, medos e superstições.

No entanto, o indivíduo contemporâneo está completamente cego para o fato de que, com toda a sua racionalidade e competência, é presa de forças sobre as quais não tem controle algum. Seus deuses e demônios receberam apenas outros nomes, mas não desapareceram. Perseguem-no através de insatisfações, vagos temores, complicações psicológicas, necessidade incontrolável de comprimidos, álcool, fumo, dietas, cuidados higiênicos e, sobretudo, através de uma importante série de neuroses.

Acreditamos exclusivamente na consciência e em seu livre-arbítrio, e já não percebemos que somos regidos por uma extensão incalculável de “forças” que atuam de fora do campo relativamente limitado em que podemos ser racionais e exercer certa medida de livre escolha e autocontrole. Em nosso tempo que sofre de todo tipo de desorientação é necessário compreendermos o verdadeiro estado das relações humanas que dependem muito das qualidades espirituais e morais do indivíduo e da psique em geral. Para isso devemos conhecer tanto o passado quanto o presente da pessoa humana e ver as coisas em sua perspectiva correta.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRAFICAS

CASSIRER, E. *Linguagem e mito*. São Paulo: Perspectiva, 2000.

DURAND, Gilbert. *A Imaginação Simbólica*. SP: Cultrix/EDUSP, 1988.

HALL, James A. *Jung e a Interpretação dos Sonhos*. SP: Cultrix, 2000.

JUNG, C. G. *A vida simbólica*. Petrópolis: Vozes, 2011.

_____. *O homem e seus símbolos*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1992.

_____. *O Eu e o inconsciente*. Petrópolis: Vozes, 1987.

PIERI, Paolo F. *Dicionário Junguiano*. Petrópolis: Vozes; SP: Paulus, 2002.

SILVEIRA, Nise. *Jung: vida e obra*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1981.